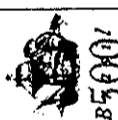


MISSA Durante ato penitencial, dom José Edson acusa a CNBB de usar pataxó para "dizer palavras grossas"

# Bispo pede perdão a cardeal por índio

ARMANDO ANTENORE  
PATRICIA ZORZAN  
enviados especiais a Porto Seguro



O bispo da diocese de Eunápolis (BA), dom José Edson Santana Oliveira, pediu perdão ontem ao cardeal italiano Angelo Sodano pelo protesto do índio Matalaué durante a missa dos 500 anos de evangelização do Brasil.

"Aproveito o momento de público, se a CNBB não o fizer, (para pedir perdão) pela ofensa por terem usado o irmão índio para dizer palavras grossas na celebração. Usaram (o índio) e não foi a nossa diocese. Pedimos perdão humildemente a Vossa Eminência

cia e a toda a igreja", declarou dom José Edson, durante missa presidida pelo cardeal ontem em Porto Seguro.

O pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, 24, mais conhecido como Matalaué, invadiu antontem a celebração dos 500 anos, rezada por Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da igreja.

Acompanhado de cerca de 40 índios carregando uma faixa preta em sinal de luto simbólico, o índio pataxó protestou contra o tratamento dado às populações indígenas no país. O gesto inesperado causou constrangimento à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) porque fugiu da programação previamente aprovada pela Santa Sé.

O Vaticano pretendia que a missa tivesse um caráter pouco político e não programou pronunciamentos de negros e índios ao longo da cerimônia.

## Desabafo

As desculpas de dom José Edson foram transmitidas durante o ato penitencial — momento da missa em que celebrante e fiéis pedem perdão por seus erros.

Aproximadamente 50 pessoas assistiram ao desabafo, na Igreja Nossa Senhora do Brasil, centro de Porto Seguro.

O cardeal ouviu de cabeça baixa o pronunciamento de dom José Edson, e só se referiu a ele mais tarde, na homilia. "Agradeço ao senhor bispo pelas palavras no começo da santa missa."

"Não acho que houve ofensa ao cardeal. Não houve referências diretas à igreja, mas o protesto pode ter causado um constrangimento por não ter sido previsto", declarou dom Raymundo Damasceno, secretário-geral da CNBB.

Segundo ele, a entidade ainda não discutiu sobre uma eventual necessidade de pedir perdão ao Vaticano pelo episódio ocorrido na missa.

"Não temos posição a esse respeito. Aquela cena foi imprevista. Pensávamos que ocorreria antes da celebração. Diante da presença dos índios, o melhor foi deixá-los se manifestar", completou o bispo.

Dom José Edson comandou o grupo da diocese de Eunápolis que, em parceria com uma comis-

são da CNBB, organizou o roteiro da missa dos 500 anos de evangelização do Brasil.

De posição mais conservadora e afinada com o Vaticano, a equipe do bispo defendia uma celebração sem muitas críticas sociais — posição inversa à do grupo liderado à CNBB.

## Harmonia

O presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), dom

Franco Masserdotti, considerou ontem o protesto de Matalaué como "um importante desabafo". "Ele soltou uma voz presa na garganta. No conjunto da missa, foi a mensagem que se diferenciou muito das comemorações oficiais. Pelos aplausos recebidos, acho que expressou o pensamento dos bispos."

Na avaliação de dom Masserdotti, não se pode dizer que exista "harmonia racial" no Brasil.

INSTITUTO

SOCIOAMBIENTAL

Fonte \_\_\_\_\_

Data 28/4/2000 Pg 1-7

Class. 251

## General volta a defender ação da PM

WILLIAM FRANÇA  
da Sucursal de Brasília

O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, afirmou ontem que o confronto entre a Polícia Militar da Bahia e os manifestantes, especialmente os índios, durante as comemorações dos 500 anos, "esteve aquém do que poderia ter acontecido".

Para o general, o quadro de 141 detidos e 30 feridos poderia ter sido bem pior "se, por exemplo, essas manifestações fossem no local onde eles queriam ir, o centro histórico".

Na avaliação de Cardoso, não houve abusos por parte da PM. "A polícia agiu certíssimo, não houve excessos. De maneira nenhuma pode ser considerado abuso. A polícia baiana agiu muito bem, agiu como tinha de agir."

Para ele, os manifestantes não queriam simplesmente protestar contra a festa oficial dos 500 anos ou contra a política econômica e social do governo. "O alvo era o presidente", afirmou Cardoso.

"Coroa Vermelha seria um local de manifestação para eles enquanto achavam que o presidente iria para lá. Depois que ficou caracterizado que o presidente não ia, deixou de ser atrativo para a manifestação. Ou seja, o alvo era o presidente", afirmou o general.

Segundo Cardoso, o acordo do governo com a PM baiana era impedir que os manifestantes chegassem ao centro histórico de Porto Seguro (onde ocorreram as atividades oficiais).

"Quem esteve lá em julho de 96 com o presidente se lembra. Aquelas pessoas que ameaçaram o presidente (com pedaços de pau e com xingamentos) subiram pela falésia. Era lá, na base da falésia, um dos locais que eles queriam fazer a reunião. Mas não se podia deixar", afirmou.

Segundo o ministro, não foi ele quem ordenou que a PM impedisse a manifestação com bombas de gás lacrimogêneo. "Eu não fui lá para autorizar ou desautorizar nada. Fui para acompanhar e dar o apoio da Presidência lá. Não houve ordens minhas, nem eu poderia ter dado ordens para a polícia. Houve um acordo, sempre estivemos conversando."

Para o ministro, "está escapando" das análises que estão sendo feitas um "conceito básico" em dispersão de multidões. "A grana de gás lacrimogêneo é um instrumento antiviolência, preventivo, porque ela impede o choque pessoal."

O ministro também disse que o governo continua preocupado com as ações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), mas que não haverá novas medidas contra as suas ações.

Para ele, o movimento não está recrudescendo, apesar de estar invadindo novamente sedes do Incra e fazendo funcionários como reféns. "É um movimento cíclico: sobe e desce, sobe e desce."

Segundo Cardoso, o governo não tem nenhuma preocupação maior com a fazenda Santa Maria, no Pontal do Paranapanema (SP) —que pertence a Jovelino Mineiro, sócio do presidente numa propriedade em Buritis (MG). A fazenda foi invadida antontem pelo MST. "É mais uma fazenda, apenas."